

Recursos metodológicos em pesquisas qualitativas com adolescentes

Carlos Alexandre de Resende – Bolsista de mestrado Reuni/Capes
carlosufsj@yahoo.com.br

Orientadora: Ruth Bernardes de Sant’Ana
Universidade Federal de São João Del-Rei

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo básico versar sobre a questão metodológica no que se refere à pesquisas qualitativas com adolescentes, no quanto a discussão metodológica supera e engloba a discussão sobre os métodos, instrumentos de pesquisa. Apresentando, a título de exemplificação e reflexão, a metodologia de uma pesquisa específica sobre identidade e entrada na adolescência.

Este texto é desdobramento de uma dissertação de mestrado em desenvolvimento na Universidade Federal de São João Del Rei, Minas Gerais, desde 2008, que aborda aspectos do processo identitário, de sujeitos no início da adolescência, 12 a 13 anos de idade, alunos de duas escolas públicas da cidade. Essa pesquisa qualitativa procura investigar aspectos do processo de formação identitária de adolescentes enquanto sujeitos em sua relação com a escola. Para tanto se utiliza da noção de identidade de Erikson (1972), da psicologia social, de Antonio Ciampa (1985, 1994), buscando compreender este complexo processo, enfocando as experiências, falas e significações dos próprios sujeitos em questão.

O desenvolvimento da pesquisa suscitou uma discussão acerca da metodologia. Surgiram perguntas sobre como se abarcaria uma questão tão complexa como a identidade no início da adolescência e suas relações com a vida escolar de nossos sujeitos. Que métodos, instrumentos, seriam usados para colher os dados e se chegar à identidade e sua formação? Nesse momento da pesquisa decidiu-se que um olhar interacionista acerca do objeto guiaria a construção da investigação. Foi eleito como referencial teórico-metodológico o Interacionismo Social e, conseqüentemente, buscou-se construir uma pesquisa onde os sujeitos investigados se assumissem ativamente, colaborando na construção do conhecimento sobre os diferentes modos de ser adolescente na contemporaneidade. A seleção dos instrumentos, recursos metodológicos, utilizados seria um desdobramento das primeiras escolhas. Seja uma câmera, um gravador ou um caderno de anotações, os referenciais norteadores a orientar o uso dos dispositivos tecnológicos da pesquisa seriam as dinâmicas das interações sociais as quais eles poderiam registrar. Opera-se uma diferenciação entre metodologia e procedimentos de investigação, devendo a segunda estar subordinada à primeira.

O grande objetivo do texto é defender a idéia de que na construção de pesquisas qualitativas com adolescentes os recursos metodológicos a serem utilizados são apenas coadjuvantes importantes que precisam ser organizados em torno do referencial teórico-metodológico adotado. Na pesquisa citada, a interação social aos olhos do pesquisador, assume caráter central, fio condutor a perpassar a utilização dos instrumentos de pesquisa escolhidos.

Realizamos uma revisão de literatura buscando trabalhos qualitativos com adolescentes, entre teses e dissertações, produzidas nos últimos vinte anos no Brasil, objetivando uma sondagem rápida sobre a presença do tema no campo acadêmico.

Consultando teses e dissertações do balcão da Capes, com os descritores: adolescência e adolescentes, identificamos em 1987 apenas um trabalho sobre o assunto. Nos anos de 1997 e 2007 encontramos respectivamente 43 e 180 trabalhos. Um ano depois encontramos 207, o que ilustra o enorme aumento de investigações acerca da temática no Brasil.

Fixamos-nos nas pesquisas produzidas em 2008, com vistas à problematização das metodologias utilizadas por estes pesquisadores, e ao avanço da reflexão sobre o assunto. Dos 207 trabalhos, podemos afirmar que 72 são pesquisas qualitativas. Investigações que buscam, para além de simplesmente descrever a adolescência, refletir, construir sentidos e significações sobre a mesma.

Um primeiro olhar sobre as produções permite identificar que numa parcela expressiva os procedimentos de investigação são desagregados de uma problematização metodológica mais ampla. Não se está afirmando que estes trabalhos não possuam referenciais teóricos que os guiem, embasem. Entretanto, estes referenciais não necessariamente aparecem no momento da pesquisa de campo, momento considerado muitas vezes mera coleta de dados sobre a realidade. Dados que são apresentados, discutidos muitas vezes sem uma problematização acerca do como foram construídos.

Nas 72 investigações qualitativas, os recursos metodológicos se apresentaram quase sempre os mesmos, entrevistas abertas e semi-estruturadas, observações livres e sistemáticas, grupos focais, grupos livres, análise documentais, entre outros menos recorrentes. Observa-se que o ponto primordial a ser discutido aqui é que na maioria delas estes procedimentos, esses recursos, são apresentados como a própria metodologia quando, na verdade, são instrumentos. A metodologia na verdade se configura no como estes recursos são organizados e utilizados, é o quadro referencial que guia o olhar do pesquisador em campo.

Feitas estas considerações apresentamos e discutimos os recursos metodológicos utilizados na pesquisa de mestrado citada no início desse texto: a observação de sala de aula, registros cursivos (de *inspiração* etnográfica), encontros com grupos de adolescentes, utilização de registros em vídeo (duas câmeras uma com os sujeitos outra com os pesquisadores), participação dos adolescentes nas filmagens e edições dos vídeos, diários de campo escritos e gravados e entrevistas individuais.

2 - O interacionismo social e a pesquisa

Necessitamos de um enfoque teórico-metodológico que permita balizar nossos procedimentos de pesquisa, de modo que os mesmos não descrevam simplesmente uma determinada realidade, trazendo-a como se a mesma fosse dada, a-histórica. Visando compreender (mais do que meramente descrever) as várias significações que perpassam a realidade que pesquisamos. Não podemos conceber uma investigação acerca da adolescência que não a trate como um processo e que não abarque os sentidos do mesmo.

Para responder às questões que norteiam a pesquisa de mestrado anteriormente citada, bem como para outras investigações que busquem compreender a adolescência e o adolescente contemporâneos, compactuamos com a perspectiva sócio-interacionista definida por Bronckart (2003)

A expressão interacionismo social designa uma posição epistemológica geral, na qual podem ser reconhecidas diversas correntes da filosofia e das ciências humanas. Mesmo com a especificidade dos questionamentos disciplinares particulares e com variantes de ênfase teórica ou de orientação metodológica, essas correntes têm em comum o fato de aderir à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são um resultado histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos (p.21).

Os interacionistas compartilham a mesma concepção de um sujeito concreto, sócio-cultural, inserido numa sociedade, em interação recíproca e em constante processo de transformação, socialização. Apontam a análise das interações como fundamental para entender as significações que as perpassam, bem como para compreender o próprio humano. Esse raciocínio tem uma aplicação direta na pesquisa qualitativa com adolescentes, uma vez que passam a focar sujeitos socioculturais em processo de formação e em meio às interações que vivenciam com os outros. Isso implica em considerá-los como sujeitos ativos.

É seguindo esse raciocínio que se busca desenvolver uma pesquisa qualitativa onde os adolescentes tenham uma participação direta no processo, havendo preocupação em considerá-los como parceiros na construção da própria investigação. Ao pensar os “níveis” dessa participação, a investigação visa dar voz aos sujeitos pesquisados e discutir com eles, um *pouco* do processo de investigação, o que querem fazer, falar, filmar, e até o que se deve perguntar aos outros adolescentes.

Além da simples aplicação do método, o que está em jogo é a necessidade de se discutir todo o processo de construção do conhecimento, daquele processo, sendo impossível desvincular pesquisador e pesquisado. A implicação do pesquisador se torna evidente. Seu olhar guia até mesmo a questão a ser investigada.

O foco de toda a investigação, seja no campo, seja ao analisarmos o material produzido (registros em vídeo, diários de campo e gravações) se volta para a interação social, entre os sujeitos, atores, e para as significações que as perpassam. Dessa forma seja nas observações das interações em salas de aula, nos encontros com os grupos com adolescentes, bem como nas entrevistas individuais, o olhar está sempre voltado para as interações, para nossa unidade de análise, o “ato social” teorizado por Mead descrito por Sant’Ana (2003):

o conjunto de atos produzidos pela interação de diversas pessoas em um contexto determinado. Isso significa tratar a interação (...) como um conjunto de atos recíprocos a compor um todo mais amplo: um “ato social” no sentido mediano. (p.14)

O pesquisador precisa focar sua atenção e suas análises para o que os sujeitos expressem na interação face a face, em um determinado contexto social. O olhar se volta para as interações, as significações que as perpassam.

Mead nos faz ver nos faz ver que o ato social só pode ser analisado, na sua devida complexidade, quando considerado no fluxo das relações sociais em que se localiza. Cada ato está ligado a um todo de relações sociais, do qual não pode ser dissociado sem perder sua significação, pois envolve muito mais do que está incluído na expressão verbal e gestual de quem o emite. Portanto, o ato não pode ser dissociado do fluxo de comunicação do qual ele participa, o que Mead denomina ato social. Para o autor, o ato isolado não tem sentido para a análise, pois todo ato pressupõe aqueles que o antecedem e todos que o sucedem. (p.14)

Tal escolha metodológica, pautada no interacionismo social e no ato social como unidade de análise, se justifica, de acordo com Ciampa (1994). Há uma intrincada rede de relações entre os indivíduos, de modo que uma identidade reflete outra, num contínuo construir-se. Isto, evidentemente, porque o processo identitário não é construído de modo isolado, mas, no conjunto das relações, embora se expresse na singularidade de cada sujeito particular.

2.1 Observações de interações em sala de aula:

O referencial interacionista é o que guia o olhar do observador na sala de aula. A intenção é observar o que acontece e as interações desenvolvidas entre os adolescentes. Busca-se observar a dinâmica grupal, visando vislumbrar um pouco do complexo processo de atribuição e “aceitação” de identidades, travado na experiência desses sujeitos na escola.

O pesquisador permanece na escola desde o início até o final da aula, incluindo recreios e intervalos, observa e anota em diário de campo, tudo o que considera significativo, gestos, falas, rotinas, organização do espaço, não ditos, etc... Evidentemente, é impossível captar e registrar todas as interações em sala de aula. Estamos diante de um universo extremamente amplo e complexo de interações e significações. O olhar do pesquisador precisa ser seletivo no sentido de optar por registrar uma interação em detrimento de várias outras que ocorrem ao mesmo tempo. O que o guia é o seu referencial teórico.

Não se trata de uma pesquisa etnográfica, tendo em vista o tempo de inserção no campo, bem como as próprias opções metodológicas defendidas nesse texto. Entretanto, a inspiração etnográfica está presente, uma vez que se busca conhecer uma realidade cultural específica, através da inserção no campo, via observação participante. Está presente no posicionamento crítico acerca da não neutralidade e da implicação do investigador, bem como no fato deste procurar estranhar e problematizar uma realidade, muitas vezes considerada óbvia como a sala de aula.

O registro cursivo tem uma importância primordial durante a observação dos atos sociais em curso na sala de aula. Busca-se registrar, o mais fielmente possível, o que ocorre na sala de aula, as formas e os conteúdos das interações entre os sujeitos, bem como as implicações e hipóteses do pesquisador no momento de sua inserção no campo.

O diário de campo é um instrumento indispensável nesse processo, subjugado a uma concepção metodológica mais ampla, o interacionismo social.

Em relação a observação das interações em sala de aula, duas questões precisam estar bem definidas: o foco nos atos sociais em curso, visando compreender como se apresentam os papéis e personagens, alunos e adolescentes, na produção da identidade desses sujeitos em relação a escola, e a confecção de dois tipos de diários de campo, um cursivo, o qual já foi apresentado, destinado ao registro no ato da observação e, outro gravado, realizado após a saída da escola.

Ao sair da sala de aula, o pesquisador pode fazer seu diário de campo digital. Ele grava seu relato do dia de pesquisa, apresentando o que sentiu durante a observação, suas impressões e as primeiras formulações e hipóteses. A escolha por gravar e não escrever, nesse momento, se deve a alguns fatores relevantes: no relato verbal além de se ter a entonação de voz do pesquisador registrada, este não perde o fluxo das idéias e do raciocínio. O investigador pode fazer seu diário de campo gravado, em qualquer lugar. Dessa forma em mais ou menos 10 minutos consegue-se registrar muito mais do que se faria em quarenta escrevendo. Esses arquivos podem ser salvos no computador e em DVDs, sendo possível retornar aos mesmos e escutá-los sempre que preciso. Não é necessário transcrever todo o material gravado, o que consumiria muito tempo. Pode-se ouvir novamente e transcrever apenas o que se considerar necessário para a escrita dos textos da pesquisa.

2.2 Encontros com grupos de adolescentes – processo grupal:

Cada encontro tem duração de quarenta minutos a uma hora e meia, sendo que os determinantes para o tempo de realização dos mesmos são a disponibilidade de tempo dos sujeitos e a própria dinâmica do grupo em cada encontro. Algumas dinâmicas elaboradas para serem realizadas nos primeiros encontros, objetivaram criar vínculos, levantar questões, decidir com os mesmos o conteúdo dos próximos encontros. Outras atividades a serem discutidas e realizadas com os adolescentes são entrevistas (um adolescente com uma filmadora e outro com um microfone dramatizando um telejornal); os relatos de suas vidas, principalmente no que se refere à escola; a elaboração de questões para as entrevistas individuais, entre outras possibilidades de condução dos encontros que possam surgir durante a pesquisa. Em todos esses encontros, o foco é, a partir da interação entre os sujeitos, buscar os elementos que nos propiciem entender um pouco do processo identitário por eles vivenciados. Busca-se a perspectiva dos próprios sujeitos pesquisados.

É a dinâmica de cada grupo que define as atividades a serem realizadas. Pode-se num grupo utilizar determinada dinâmica e em outro não, ou mesmo trabalhar de forma mais profunda uma série de questões com determinados sujeitos e outras com os demais.

Todos os encontros são registrados em vídeo através de duas filmadoras, uma com o pesquisador e outra circulando entre os adolescentes. Os registros em vídeo realizados pelos adolescentes obedecem simplesmente às suas perspectivas acerca do que discutimos nos encontros, o que é o objetivo. Os registros realizados pelo pesquisador, necessitam de uma problematização quanto a essa possibilidade metodológica.

Segundo Carvalho (1996), é grande e difundida a utilização de filmagens em pesquisas no Brasil, sobretudo quando se refere às pesquisas em educação e psicologia. Entretanto não encontramos muitas publicações que respaldem “o fazer” dessa possibilidade metodológica. Na maior parte dos casos os pesquisadores apenas citam o uso do registro em vídeo como um método, não há uma descrição detalhada de como tal recurso foi utilizado. O que filmar? Como filmar? Em que momentos ligar e desligar a câmera? Em um trabalho realizado por Sant’Ana (2004) foi feita uma busca, seleção e análise de pesquisas que utilizaram registro em vídeo para analisar sessões de brincadeira infantil. Recorre-se a este trabalho para pensar a utilização da filmagem nessa pesquisa hora apresentada.

Praticamente todas as pesquisas qualitativas em que existe a preocupação em elucidar o leitor na utilização do método de registro em vídeo, se encontra a questão do olhar do pesquisador como o principal referencial acerca do que e como deve ser registrado. Por mais que alguém possa conhecer sobre técnicas de filmagem é seu referencial teórico, suas questões de pesquisa e o próprio pesquisador como sujeito sócio-histórico que saltarão no momento do registro.

Sobre o olhar do pesquisador no momento do registro em vídeo, Góes, citada por Sant’Ana (2004) enfatiza que

é ele (o pesquisador) quem determina as dimensões, aspectos ou partes do fenômeno a serem privilegiadas no momento da observação e, em última instância, constrói o próprio fenômeno ao instituí-lo como foco de observação.

Em pesquisas qualitativas vamos a campo com referencial e com algumas questões norteadoras, deixando o próprio acontecer da situação nos dirigir. É justamente aí que se encontra o diferencial de uma pesquisa que pretende ser crítica. Não estamos atrás da confirmação de uma hipótese (que em boa parte das vezes já se sabe um pouco de antemão se será confirmada ou não. As possibilidades se reduzem drasticamente a um sim ou não e, em alguns casos, em possibilidades estatísticas) que restringe um foco *a priori* para ser registrado. Vamos a campo para entender e discutir sobre um processo, assim, a duração das filmagens, o que e quando filmar dependem do momento do pesquisador com seus sujeitos de pesquisa, da sensibilidade dos mesmos. Está aí a justificativa em se fazer uma pesquisa: a surpresa, o inesperado, o não guiar as relações, as interações observadas.

A importância e utilidade do registro em vídeo ultrapassam o simplesmente “registrar para ver depois”. O fundamental do registro em vídeo aparece no momento em que de posse dos diários de campo podemos editá-los e agrupá-los em episódios que podem ter alguns segundos ou vários minutos, dependendo do seu conteúdo e da escolha do pesquisador e dos sujeitos pesquisados. Nesse momento podem-se apresentar as filmagens para os sujeitos pesquisados (o que será realizado num dos encontros com os grupos de adolescentes e que, por sua vez, também será registrado em vídeo) bem como cortejá-las com o referencial teórico, elaborando categorias de análise que ajudem a compreender as questões investigadas.

O vídeo não substitui outras formas de registro, uma vez que neles o pesquisador aparece e se coloca frente ao que constatou. Portanto, ao final de cada encontro a

elaboração de diários de campo, tanto escritos, quanto em forma de relatos verbais gravados, é imprescindível.

2.3 Entrevistas individuais:

Foram selecionados sujeitos considerados como os mais participativos e/ou emblemáticos em relação ao objeto da investigação. O método utilizado foi o da história oral temática, sendo a relação com a escola, a temática mais abordada durante o relato biográfico. A história oral segundo Freitas

É um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. (2002, p. 18)

Trata-se de uma ferramenta de pesquisa de abrangência multidisciplinar, sendo utilizada sistematicamente pela história, sociologia, antropologia, lingüística, psicologia e outros. Para Freitas (2002) a História Oral pode ser dividida em tradição oral, história de vida e história oral temática. A tradição oral se refere à investigação da tradição do que uma sociedade considera importante através de depoimentos. A história de vida por sua vez, pode ser entendida como um relato autobiográfico verbal. E finalmente, temos o que é de nosso interesse, a definição de História Oral Temática

Na História Oral Temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências. (Freitas, 2002, p.22)

O entrevistador não é passivo ou neutro, na medida em que, com suas perguntas ele participa e dirige o processo da entrevista, prepara o roteiro, seleciona as perguntas e introduz questões, temas a serem abordados pelo entrevistado. O documento final é o resultado de um diálogo entre pesquisador e pesquisado. Tal escolha metodológica, que busca privilegiar o caráter participativo da pesquisa, condiz com o que Freitas afirma, acerca da História Oral Temática, que “a maior potencialidade desse tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico” (2002 p50).

As entrevistas foram gravadas, sendo este material transcrito, para ser apresentado também aos próprios entrevistados, o que propicia mais dados para análise. Com cada sujeito são realizados três a quatro encontros, devido a necessidade de aprofundamento das entrevistas e a devolução do material.

3 Conclusões

Buscou-se discutir alguns recursos metodológicos amparados no Interacionismo Social, visando exemplificar, refletir, a necessidade de se subjugar instrumentos de pesquisa a uma metodologia. A utilização dos instrumentos metodológicos, bem como seus

produtos, durante a pesquisa empírica precisa ser cortejada com o referencial teórico-metodológico a orientar a investigação.

Embora a questão metodológica em pesquisas qualitativas já seja bastante discutida, tem ainda muito a ser garimpada e se configura em um dos aspectos mais relevantes da pesquisa de mestrado citada nesse texto, razão pela qual o mesmo está sendo apresentado nesse congresso. Espera-se que possa provocar reflexões por parte dos pesquisadores que investigam a adolescência na contemporaneidade.

Referencia Bibliográficas:

BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 21º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, C. R. **A Pesquisa participante**. 7ª ed. São Paulo: Barsiliense, 1988, 211p.

CARVALHO, A. M. A (et al). *Registro em vídeo na pesquisa em psicologia: reflexões a partir de relatos de experiência*. **Psicologia Teoria e Pesquisa**. Set-dez. 1996. Vol 12. n.3, p. 261-267.

CIAMPA, A.C. Identidade. In: LANE, S.T (org.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 58-75.

CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. 7º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FREITAS, S. M. **História Oral: potencialidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SANT'ANA, R. B. *A Pesquisa Interacionista e a Investigação da Escola*. **Revista Vertentes**. São João Del Rei, n. 22. p.07-18. Jul/dez.2003

SANT'ANA, R. B, RESENDE, C. A, RAMOS, L. C. *O interacionismo social e a investigação da brincadeira infantil: uma análise teórico-metodológica*. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. Set-Dez – 2004. Vol. 14, n.3, p. 11-25.